

ANA PAULA AVELAR*

Diálogos entre Martinho Lutero e Damião de Góis ou como as impressões de um encontro se plasmam na historiografia de um tempo

Dialogues between Martin Luther and Damião de Góis or how the impressions of an encounter mark historiography of a period

No ano de 1531 Damião de Góis encontrou-se brevemente com Martinho Lutero¹ em Wittenberg e este acontecimento fluiu fantasmaticamente na obra historiográfica do humanista português. Nesta análise toma-se o conceito de historiografia de um tempo, numa dupla dimensão, a da escrita goisiana e a de uma historicidade, entendida a partir da relação social que ao tempo se construiu. Este pressuposto conceptual possibilitou tanto a redescoberta da força do acontecimento e da fluidez do devir histórico, como a exploração de possíveis futuros que se inscreveram numa cadeia causal².

A par desta dimensão importa atender à aproximação de Damião de Góis a Erasmo de Roterdão, e às disputas religiosas que se desencadearam nos círculos culturais, as quais estiveram directa ou indirectamente presentes na escrita goisiana³. É exactamente através do processo instaurado pela Inquisição que possuímos um relato na primeira pessoa do encontro de Damião de Góis com Martinho Lutero⁴. Por outro lado, nas cartas de Góis deparamo-nos igualmente com os vestígios desta breve estadia em Wittenberg,

* Universidade Aberta; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; CEC – Centro de Estudos Comparatistas; CH – Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Portugal. *E-mail*: a.p.m.avelar@gmail.com.

1 Optou-se pelo aportuguesamento dos nomes.

2 Delacroix, Dosse e Offenstad 2010, 17.

3 Aubin 1996, 211-235. Neste artigo sobre a figura de Damião de Góis, Jean Aubin traça uma sinopse incontornável em torno das questões evangélicas e do modo como Góis interveio nos diferentes debates.

4 Henriques 2002, 48-50.

sendo possível reconstruir algumas das reverberações que as disputas luteranas tiveram na escolha de alguns dos tópicos abordados pelo humanista português nas suas obras.

Foi precisamente a partir deste solo documental que se apreenderam alguns dos objectos/ideias e memórias da *livraria interior* de Damião de Góis. Toma-se nesta análise o conceito de *livraria interior*, intuído numa tripla dimensão: como depósito e utensílio de conhecimento, como etapa no processo de gestação de novos livros e de novos saberes, e ainda como expressão dos efeitos cognitivos inerentes à acumulação das leituras, da materialidade dos livros e dos laços que estes entretecem entre si e com o mundo. É a partir desta livraria que a personalidade autoral se constrói, organizando o discurso narrativo e relacionando-se com os outros. Este *livro interior* constitui-se como conjunto de representações míticas, colectivas ou individuais, que vão interpelando o autor, sendo a escrita o objecto constitutivo desta mesma livraria. Este livro interior funciona como filtro e determina a recepção de outras/novas obras⁵.

No uso destes conceitos acolhe-se a função palimpséstica que Damião de Góis utilizou nos seus textos, manipulando, interiorizando e reconstruindo um discurso outro, como se seu fosse. Nesta análise defende-se que a *livraria interior* se constitui através do exercício palimpséstico do texto. Como Genette sublinhou: “La relation génétique (inter-textes) se ramène constamment à une pratique d’auto-transformation, par amplification, par reduction ou par substitution”⁶. Este processo é intrínseco à formulação de uma *livraria/livro interior*.

Por outro lado, participante constitutivo deste último espaço é a tessitura entre memória e História, entendida a primeira no movimento realizado entre a memória dada e exercida e a memória ponderada, i.e., a memória de “si”, e a segunda, a História, enquanto processo que comporta a inquirição do testemunho e dos arquivos nas suas múltiplas formas, o uso da explicação e compreensão, e a representação historiográfica do passado⁷.

Mas desoculte-se o percurso biográfico de Góis e vislumbre-se como o encontro com Martinho Lutero marcou um homem, Damião de Góis. Importa, no entanto, antepor alguns dados anteriores à viagem do humanista português a Wittenberg. Esta ocorreu após as publicações luteranas de 1520, isto é, após o *Discurso à Nobreza Alemã, Cativo de Babilónia, Contra a Execrável Bula do Anticristo, A Liberdade do Cristianismo*⁸ e da tradução do novo testamento em alemão, o qual é publicado em 1522. Retenha-se o facto de quase cinco anos depois do seu *Sermão sobre a Indulgência e a Graça*, que sai em Março de 1518, Lutero ter publicado cerca de 160 diferentes tipos de textos, dos quais um terço foi em língua latina. Recorde-se ainda que, no final do ano de 1522, as obras

5 Bayard 2007, 82-83.

6 Genette 1992, 551.

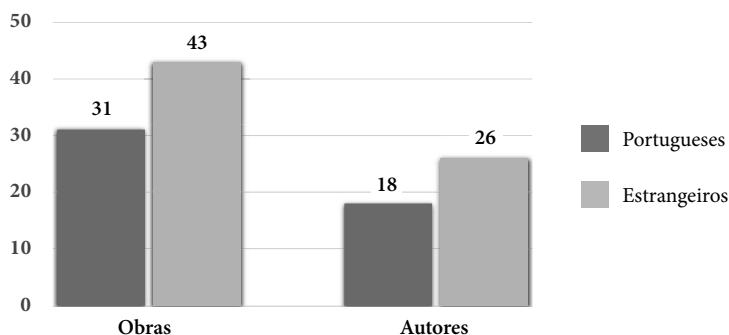
7 Ricœur 2003, 183-208.

8 Neves 2014, 17-25.

alemãs tinham tido 828 edições e até ao fim de 1530 sairiam mais 1245, estimando-se que circulariam cerca de dois milhões de cópias⁹.

Estes dados são ainda mais interessantes quando os confrontamos com as edições das várias obras de Damião de Góis, algumas delas impressas em latim e fora de Portugal, e presentes em diversos círculos europeus, como aconteceu com as de Martinho Lutero. Algumas das obras de Damião de Góis foram traduzidas para diferentes línguas vernaculares. Tal aconteceu com a *Legatio magni indorum imperatoris presbyteri Ioannis, ad Emmanuelem Lusitaniae regem*, cuja primeira impressão saiu em 1532, tendo logo no ano seguinte uma tradução inglesa. Também a *Fides, Religio, moresque Aethiopum, sub imperio Preciosi Joannis* (1540) teve, a partir de 1581, alguns capítulos traduzidos na língua alemã. De igual modo, o *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem...* 1538, datado de 1539, teve a sua tradução para italiano logo nesse mesmo ano, e no ano seguinte saiu em alemão. As adaptações francesas desta obra surgiram em 1581 e 1587. Por seu turno, o *De Bello Cambaico ultimo commentarii tres* (1549) saiu adaptado para o francês em 1581 e 1587. Atente-se no facto de as adaptações francesas tomarem particular atenção aos dois textos sobre os cercos sofridos pelos portugueses em Diu. Por último, a *Lovaniensis obsidio*, cuja primeira impressão é de 1546, foi traduzida para alemão em 1574. A difusão das obras de Damião de Góis é circunscrita aos círculos humanistas europeus, porém a tradução para língua vernacular indicia a inclusão dos seus textos numa dinâmica de circulação do livro alargada.

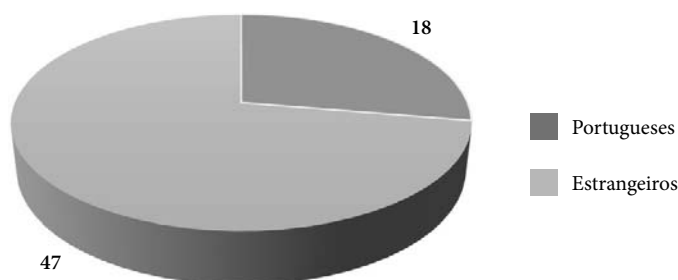
Mas regressemos à *livraria interior* de Damião de Góis, esse espaço onde se forjam novos saberes e se entretecem laços entre o “eu” e o mundo. Francisco Leite de Faria iniciou este “exercício reconstrutivo” nos seus *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua época*. É, aliás, a partir dos dados compulsados na segunda e terceira secções (Fig. 1) – as dedicadas a obras de autores portugueses e estrangeiros amigos e conhecidos de Damião de Góis – que chegamos aos seguintes resultados:



1 Livraria “possível” de Damião de Góis.
Faria 1977, 152-202.

Entre os autores estrangeiros encontramos Erasmo de Roterdão, Nicolau Clenardo, Cornélio Grapheus, Pedro Nânio, Sebastião Münster, Luis Vives, Bonifácio Amerbach, Simão Grynaeus, Paulo Giovio, Pedro Bembo, Jacob Sadoletto, Felipe Melanchthon, João Baptista Ramúsio entre muitos outros.

Atente-se no facto de esta análise ainda se basear num proto-inventário de uma possível livraria goisiana, pois sabemos que o volume de autores que intervieram na livraria interior de Góis é bastante mais elevado (Fig. 2), porém não foi ainda possível identificar todas as obras¹⁰:



2 Livraria “possível” de Damião de Góis.

Entre estes contam-se autores protestantes, como os alsacianos Martinho Butzer e Wolfgang Kopflfel, o alemão Gaspar Hedio e o francês Guilherme Farel, os impressores Rutgero Réscio, Conrado Peutinger, para além de João Wallop. São os círculos europeus que se evidenciam, e, apesar de este ser um estudo muito minucioso e abrangente, a complexidade da tarefa impõe a sua continuação. Aliás, no que concerne às obras de Martinho Lutero, como o próprio Francisco Faria afirmou: “De Lutero, famosíssimo corifeu dos Protestantes, bem quereríamos, por diversas razões, descrever uma obra rara, publicada mais ou menos no ano em que conheceu Damião de Góis”¹¹. Contudo, tal não aconteceu, ainda que se tenha a informação de que Góis teria consultado as obras luteranas.

Mas situemos o momento deste *procurado* encontro com Martinho Lutero na biografia goisiana. Após ter nascido em 1502, numa pequena e tranquila cidade de província, Alenquer, filho de Rui Dias e da sua quarta mulher, D. Isabel, Damião de Góis vive a partir dos nove anos como pajem e depois como moço de Câmara¹², junto de D. Manuel. Ainda jovem e vivendo na corte portuguesa, Góis experiencia os primeiros contactos

10 Este é um trabalho em curso. Os nomes seguem a grafia da fonte indicada.

11 Faria 1977, 201.

12 Várias são as obras que se debruçam sobre a vida de Damião de Góis, porém na breve síntese sobre a presença na corte de D. Manuel. Cf. Hirsch 1987, 9-20. A par dever-se-á cf. Barreto 2002, 19-24.

com os espaços extra-europeus, numa Lisboa aonde chegam muitos e variados produtos e múltiplas gentes (Fig. 3). Esta ambiência será por ele recorrentemente evocada ao longo dos seus escritos¹³.



3 *Olisipo quae nunc Lisboa...* George Braunio.

Cf. BNP purl.pt/22208/2/.

Atente-se à exposição que Góis fez na sua *Hispania* (1.ª impressão, Lovaina, 1542) ou ainda na sua *Urbis Olisiponis descriptio* (1.ª impressão, Évora, 1554), relativamente às excelências desta capital: “Sobre as inúmeras coisas exóticas que por toda a roda do ano são trazidas a esta nossa cidade e aí são descarregadas procedentes dos nossos domínios da Índia, Pérsia, Arábia, Etiópia, Brasil, África, já tratámos bastante desenvolvidamente num opúsculo que publicámos sobre a fertilidade e opulência da Hispânia^[14], pelo que deliberadamente, não quisemos fazer aqui menção em pormenor”¹⁵. A representação nos finais do século XVI de Lisboa na obra de George Braunio *Civitates orbis terrarum* (1593) parte das palavras de Damião de Góis¹⁶. Atente-se na legenda que acompanha a impressão de 1593 das vistas da cidade e cujo texto se aproxima do de Góis¹⁷.

No ano de 1523, Damião de Góis partiu na armada de Pêro Afonso de Aguiar para Antuérpia, onde iria desempenhar o ofício de escrivão na feitoria portuguesa, cumprindo-se a determinação de D. João III. Apesar de a sua nomeação ter sido efectuada por D. Manuel, dois anos antes, a doença do monarca e a sua morte retardaram a viagem. Nos cerca de dez anos de serviço em Antuérpia, ao mesmo tempo que desempenhava as suas funções como secretário da Casa da Índia, Damião de Góis contactou com um círculo alargado de homens de letras e de artistas, servindo de interlocutor entre estes e

13 Avelar 2003, 296-298.

14 Góis 1945, 93-122. A tradução do latim foi realizada por Dias de Carvalho.

15 Góis 2002, 189. A tradução do latim foi de Aires A. Nascimento.

16 *Ibidem*, 57.

17 Dias 1988, 120-127.

os encomendadores das obras, nomeadamente portugueses que permaneciam no reino de Portugal. Ele próprio adquiria obras dos artistas que admirava, como sejam as de Quentin Matsys, Jerónimo Bosch¹⁸ ou Albrecht Dürer¹⁹.

Recorde-se que foi do pincel deste último que saiu um dos retratos de Damião de Góis (Fig. 4) e que este mesmo pintor pertenceu aos círculos dos que acompanhavam Martinho Lutero. Dürer foi muito próximo de Lucas Cranach, o Velho²⁰, e foi exactamente da oficina deste último, em Wittenberg, que saíram os icónicos retratos de Lutero (Fig. 5), da sua esposa Catarina (Fig. 6), ou ainda de Felipe Melanchthon (Fig. 7).

Foi exactamente Lucas Cranach quem dominou o comércio livreiro de Wittenberg durante cerca de 30 anos, acompanhando a publicação de grande número de textos de Lutero e revolucionando a impressão dos mesmos. Como assinala Andrew Pettegree: “Printers outside Wittenberg had improved the look somewhat, using decorative borders to frame the title. Cranach offered a radically new solution: a title-page frame, make up not of separate panels but a single woodcut [...]. It was a major and decisive breakthrough in the history of the book, never before applied to texts of this type”²¹. O nome e o lugar de impressão surgem destacados na característica cercadura de Lucas Cranach²². Exemplo do que é afirmado é a folha de rosto da obra de Martinho Lutero *De instituendis ministris ecclesiae ad Clarissimum Senatum Pragensem Bohemiae*, de 1523 (Fig. 8).

18 Barreto 2002, 44-46.

19 Recorde-se o entusiasmo de Góis pela pintura de Dürer, o qual é bem patente na carta que escreve a Jerónimo Cardoso, gramático e lexicógrafo: “No mesmo instante precisamente em que no nosso aposento entrou esse jovem a quem confiaste a tua carta para mim, tinha eu nas mãos o retrato daquele grande Erasmo de Roterdão por Alberto Dürer, gravador exímio entre os alemães do seu tempo. Mal começava a contemplá-lo e em êxtase me arrebatava a recordação de varão tão ilustre, meu atenciosíssimo hospedeiro de outrora, quando eis que tu, repentinamente como se numa emboscada, quiseste com a tua carta acrescentar a esta nossa consolação uma satisfação nova.” Torres 1982, 373.

20 Panofsky 2005, 198.

21 Pettegree 2016, 158.

22 *Ibidem*, 159.



- 4 Retrato de Damião de Góis, Philips Galle, depois de Albrecht Dürer, 1587-1612, Inv. RP-P-OB-6897, Rijksmuseum Amsterdam. Cf. <http://hdl.handle.net/10934/RM0001>. COLLECT.115141.



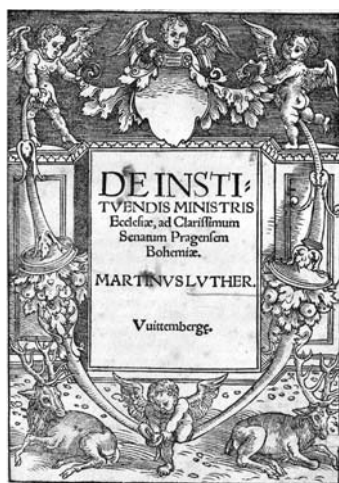
- 5 Retrato de Martinho Lutero, Lucas Cranach, o Velho, 1528, M417, Fortaleza de Coburgo. Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lucas_Cranach_d.%C3%84._-Martin_Luther,_1528_\(Veste_Coburg\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lucas_Cranach_d.%C3%84._-Martin_Luther,_1528_(Veste_Coburg).jpg). Domínio público. Fonte: WikiCommons.



- 6 Retrato de Catarina de Bora, Lucas Cranach, o Velho, 1530, Inv. B 94, Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Catarina_de_Bora#/media/File:Katharina-von-Bora-05.jpg. Domínio público. Fonte: WikiCommons.



- 7 Retrato de Felipe Melanchthon, Lucas Cranach, 1537, Inv. 940, Staatliche Kunsthalle Karlsruhe. Cf. <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Philipp-Melanchthon-1537.jpg>. Domínio público. Fonte: WikiCommons.



8 Folha de rosto de *De instituendis ministris ecclesiae*...

Cf. https://books.google.pt/books/content?id=cHY8AAAaAA-J&hl=pt-PT&pg=PR27&img=1&zoom=3&sig=ACfU3U1-L8rSW78W-G4OiTuxD_aZXUOgOQQ&ci=23%2C16%2C937%2C1337&edge=0.

Foi ainda durante a permanência na praça de Antuérpia que Góis foi incumbido de várias missões diplomáticas. Nos primeiros meses de 1528, viajou até Inglaterra, para negociar o resgate da embarcação de António Pacheco, que naufragara nas costas britânicas, exactamente no momento em que Henrique VIII intentava o seu divórcio de D. Catarina de Aragão²³. Durante esta estadia, Góis conheceu Thomas More, por quem guardaria uma profunda admiração, a qual exporia nas missivas que viria a trocar com Erasmo de Roterdão²⁴. Foi, aliás, John More, o filho de Thomas More, quem traduziu para inglês o primeiro texto latino de Góis sobre a primeira embaixada do Preste João à corte manuelina, o *Legatio Magni Indorum Imperatoris presbyteri Joannis ad Emmanuelem* (1532).

Recorde-se que Góis conheceria em 1529 Johannes Magnus, bispo de Upsala no exílio, também ele um admirador de Erasmo e autor da *Historia de omnibus Gothorum Sueonumque regibus*, isto é, a História de todos os reis godos e suevos, uma História da Suécia, que foi impressa postumamente em Roma, no ano de 1554. Este bispo foi um entusiasta do projecto goisiano de tradução para latim de um relato sobre a Igreja etíope, tomando as cartas que Mateus tinha trazido para o Papa e para o Rei. Góis esperava²⁵, “com esta narrativa verdadeira, inflamar os ânimos dos leitores e fazer assim que a fé de Cristo mais amplamente se dilate, pregue e pratique em todos os cantos da terra”²⁶.

23 Segundo Luís Filipe Barreto, a viagem a Inglaterra teria sido motivada pelo pedido de restituição da carga do navio de António Pacheco que naufragou nas costas britânicas. Barreto 2002, 38.

24 Recorde-se a carta enviada a Erasmo por Góis no momento em que recebe o relato da execução do humanista inglês. Torres 1982, 279.

25 Recorre-se à tradução latina de Dias Carvalho.

26 Góis 1945, 129.

Este proselitismo plasmar-se-ia ao longo das várias missivas traduzidas por Góis. Importa salientar que Cornélio Grapheus teria retocado a *Legatio*..., ele que tinha ensinado latim ao humanista português. Grapheus tinha estado durante um ano em Bruxelas nos cárceres da Inquisição, por críticas à Igreja, ele aprovava as posições de Lutero e oferecera a Dürer o *Cativeiro da Babilónia* deste mesmo autor. Se Dürer desenhara a face de Góis, Grapheus dedicar-lhe-ia um extenso poema onde enaltecia a sua sinceridade, franqueza, honestidade, alegria e lealdade²⁷.

Em 1529 Damião de Góis deslocou-se em missão diplomática à Polónia, Hungria e Rússia, cumprindo em 1531 uma segunda viagem por terras do Norte europeu. Partiu de Antuérpia para a Dinamarca, onde foi recebido por Frederico I. Em Schleswig permaneceu junto de um conselheiro local, participando de um jantar onde o seu anfitrião bebeu de um cálice consagrado, incitando Góis a fazer o mesmo. Este, segundo o que declarou a 25 de Abril de 1571, no seu auto de inquisição, negar-se-ia a fazê-lo²⁸. Contudo, como declarou na mesma altura, teria partido desta cidade para Lübeck, visitando a título particular a cidade de Wittenberg.

Importa ter em atenção que esta viagem de Góis ocorreu um mês depois da formação da chamada Liga de Schmalkalden e do endurecimento destes protestantes face ao Imperador e ao Papa. Em Wittenberg, Góis ouviria o serviço religioso de Martinho Lutero. Confessou que não teria entendido a prédica, mas que lhe pareceu que se lia os textos do dia de Ramos, ainda que não entendesse o alemão (Fig. 9).



9 A cidade de Wittenberg vista do Elba. Desenho do álbum de viagem do conde palatino Otto Heinrich (Das Reisealbum des Pfalzgrafen Ottheinrich), 1536. Universitätsbibliothek Würzburg. <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wittenberg-1536.jpg>.

27 Hirsch 1987, 37.

28 Henriques 2002, 48.

Na segunda-feira seguinte, Damião de Góis jantaria com Martinho Lutero e Felipe Melanchthon, na casa do primeiro. Após esta refeição partiriam todos em direcção à fortaleza, aí merendando. De regresso, Lutero convidá-los-ia a passarem por sua casa, onde sua esposa lhes serviu maçãs e avelãs. De seguida, a convite de Melanchthon, Damião de Góis visitaria a casa deste para aí cear e testemunhar a sua pobreza. As conversas teriam versado sobre as práticas protestantes e segundo Damião de Góis, este teria discordado de algumas das ideias então debatidas²⁹. Góis simpatizaria com Melanchthon, trocando com este algumas missivas. O nosso humanista admirou a relação de amizade que existia entre os dois homens Melanchthon e Lutero e que brevemente presenciou.

Durante as suas deambulações pela Europa, continuaram os contactos com os círculos protestantes. Não foi por acaso que, no encontro que teve com Tiedeman Giese em Danzig, este se interessou pelo que Góis presenciara em Wittenberg³⁰. Como Elisabeth Feist Hirsch defendeu: “A visita de Góis a Wittenberg resultou da mesma atitude que o levou a defender a Igreja da Etiópia”³¹. Atente-se exactamente no facto de ser nuclear no discurso goisiano a narração dos costumes etíopes. Para além da *Legatio magni indorum imperatoris presbyteri Ioannis, ad Emmanuelem Lusitaniae regem*, e da *Fides, Religio, moresque Aethiopum, sub imperio Preciosi Ioannis*, Damião de Góis revisitou extensamente esta temática na sua *Chronica do Felicissimo Rei Dom Manuel*. A curiosidade, o debate, o conhecimento do diferente e a tolerância marcariam todo o seu percurso intelectual.

Em 1533, Góis está em Friburgo, convivendo de perto com Erasmo de Roterdão. Foi nesta fase da sua vida que se intensificou a sua vontade de desenvolver os estudos das latínidades. Assim, logo no ano seguinte, Góis percorreu várias cidades italianas, onde, para além de desenvolver os seus estudos, foi agente diplomático da coroa portuguesa. O aprofundamento do conhecimento do latim foi o instrumento que lhe permitiu ampliar os contactos com as elites culturais europeias. Damião de Góis frequentou os círculos de Pedro Bembo e de Buonamici. Foi ao primeiro que Góis dedicou o seu *Commentarii rerum Gestarum in India 1538 citra Gangem*, onde, celebrando a vitória portuguesa em Diu, se cumpria o princípio humanista de a História servir a glorificação do reino³².

Recorde-se igualmente que o seu *Rebus et Imperio lusitanorum ad Paulum Jovium Disceptatiuncula* foi dedicado ao cardeal Bembo, sendo um verdadeiro libelo de defesa da posição portuguesa face à expansão. Esta foi a resposta de Góis ao texto de Paulo Giovio (1525) inserido no *Novus Orbis*, onde este último acusou Portugal de usufruir de

29 Henriques 2002, 32, 33 e 49; Hirsch 1987, 48.

30 Como assinalou Elisabeth Feist Hirsch, Tiedeman Giese: “Era um dos primeiros sacerdotes católicos a examinar a reforma protestante com espírito de conciliação, e, em consequência, não hesitava em pedir conselhos religiosos tanto a Erasmo como a Melanchthon.” Hirsch 1987, 51.

31 *Ibidem*, 49.

32 Era fundamental demonstrar que ao derrotar o ataque guzarate-otomano a Diu se retardava lenta, mas paulatinamente a recuperação da rota do Levante face à rota do Cabo. Não nos deveremos esquecer que a armada turca tinha conquistado Adem nesse mesmo ano de 1538 e que desde 1517 o domínio do Egipto, pelo império otomano, permitia o controle do mar Vermelho e o reavivar dos interesses comerciais italianos no Mediterrâneo. A defesa das posições portuguesas nos círculos europeus era estratégica para a coroa.

um monopólio das especiarias de baixa qualidade e de preço excessivo. Góis contraporía que o monopólio português se justificava pelo esforço e trabalhos da descoberta³³.

É exactamente nesta vertente que se inserem tanto a obra *Fides, Religio, moresque Aethiopum, sub imperio Preciosi Joannis* (Lovaina, 1540), dedicada ao Papa Paulo III, como a sua anterior *Legatio magni indorum imperatoris presbyteri Joannis, ad Emmanuelem Lusitaniae regem*, onde fluem as recordações de Góis relativas a esta embaixada, visto ter estado presente, com apenas doze anos de idade, na recepção feita por D. Manuel ao enviado da Etiópia, o embaixador Mateus. Através da autoridade e admiração que aufferiu nos círculos intelectuais europeus, Damião de Góis concretizou o repto de Bembo ou Buonamici, segundo os quais a importância dos Descobrimentos portugueses exigia uma *História*. Tanto a obra de Francisco Álvares, *A Verdadeira Informação do Preste João das Índias*, da qual Góis uma cópia manuscrita, como as suas *Fides* e *Legatio*, dominaram os circuitos culturais europeus e foram aquelas que, ao tempo, satisfizeram a curiosidade face ao senhorio etíope.

Após o envolvimento na defesa da cidade de Lovaina em 1542 e subsequente prisão, Damião de Góis regressou a Lisboa no Verão de 1545. O seu elogio à capital só seria impresso em 1554 em Évora. Recorde-se que, logo em 1546, cerca de um ano após ter chegado ao reino, Damião de Góis publicaria nesta cidade a sua *Lovaniensis Obsidio* e que, em 1548, seria nomeado guarda-mor da Torre do Tombo. No ano seguinte, sairia em Lovaina o *De bello Cambaico ultimo commentarii tres*, dedicado ao infante D. Luís, patrono dos círculos humanistas. Esta era então a segunda incursão de Góis pela temática de Diu. Entre 1566-67, sairia em Lisboa, dividida em quatro partes, a *Chronica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, sendo alvo de pesadas críticas. Estas consideraram que esta *História* não servia o propósito do autor. Para D. Francisco de Melo, 2.º conde de Tentúgal, alguns dos testemunhos evocados não seriam pertinentes para a crónica de tão excelente rei: “Que matéria pode ser mais impertinente [...] que estar escrevendo opinião de quatro escudeiros, porque a gente nobre nunca tiveram [*sic*] senão a que deviam de ter, e mais em crónicas não se permite escrever presunções...”³⁴.

A 31 de Março de 1571³⁵, o nosso humanista era acusado de sucessivas práticas de heresia, e a 2 de Maio de 1572 seria pedida a sua condenação. Damião de Góis retratou-se a 6 de Dezembro de 1572, sendo-lhe confiscados os seus bens, permanecendo encarcerado no mosteiro da Batalha, de onde saiu algum tempo depois. A 30 de Janeiro de 1574 morreria, mas a sua *livraria interior* permaneceria nos seus textos.

33 Contudo, como escreve Luís Filipe Barreto: “o centro da argumentação de Damião de Góis é político-religioso. Aceitando a dimensão dos ‘lucros e riquezas’ gerados pela expansão marítimo-mercantil, o nosso humanista converte-os em necessárias condições e investimentos de ‘quem é alferes da fé’ (Gil Vicente) cristã em África e na Ásia.” Barreto 2002, 73.

34 Góis 1949, I, XIX.

35 Nesta altura e na cela individual onde se encontrava encarcerado, Damião de Góis elaborou extensos relatórios, onde se defendeu das acusações contra ele proferidas, relatando as suas viagens, os seus contactos e preparando as sucessivas audiências, visto não existir confronto directo com as testemunhas de acusação.

Referências

- Aubin, Jean. 1996. "Damião de Góis dans une Europe évangélique". In *Le Latin et L'Astrolabe – Recherches sur le Portugal de la Renaissance, sur expansion en Asie et les relations internationales*, editado por Jean Aubin, 211-235. Lisbonne-Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Avelar, Ana Paula. 2003. "Damião de Góis e os cronistas da Expansão: esboços de uma presença". In *Damião de Góis na Europa do Renascimento [Actas do Congresso Internacional]*, 295-306. Braga: Universidade Católica de Braga.
- Barreto, Luís Filipe. 2002. *Damião de Goes – Os caminhos de um humanista*. Lisboa: CTT.
- Bayard, Pierre. 2007. *How to Talk about Books You Haven't Read*. New York: Bloomsbury.
- Delacroix, C., F. Dosse, P. Garcia e N. Offenstad. 2010. *Historiographies, I-II, Concepts et débats*. Paris: Gallimard.
- Dias, João José Alves. 1988. *Ensaio de História Moderna*. Lisboa: Editorial Presença.
- Faria, Francisco Leite de. 1977. *Estudos Bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua Época*. Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura.
- Genette, Gérard. 1992. *Palimpsestes – La littérature au second degré*. Paris: Editions du Seuil.
- Góis, Damião de. 1945. *Opúsculos Históricos*. Porto: Livraria Civilização.
- Góis, Damião de. 1949. *Crónica da Felicíssimo rei D. Manuel*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Góis, Damião de. 2002. *Elogio da Cidade de Lisboa – Urbis Olisiponis Description*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Henriques, Guilherme João Carlos. 2002. *Inéditos Goesianos – O processo na Inquisição II*. Arruda dos Vinhos: Arruda Editores.
- Hirsch, Elisabeth Feist. 1987. *Damião de Góis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Neves, Joaquim Carreira das. 2014. *Lutero – Palavra e Fé*. Lisboa: Academia das Ciências-Editorial Presença.
- Panofsky, Erwin. 2005. *The Life and Art of Albrecht Dürer*. Princeton: Princeton University Press.
- Pettegree, Andrew. 2016. *Brand Luther*. New York: Penguin Book.
- Renaissance, sur expansion en Asie et les relations internationales*, editado por Jean Aubin, 211-235. Lisbonne-Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Ricœur, Paul. 2003. *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil.
- Torres, Amadeu. 1982. *Noese e Crise na Epistolografia Latina I. As Cartas Latinas de Damião de Góis – Introdução, texto crítico e versão*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português.